



Enunciação e inclusão linguística: um estudo sobre subjetividade e TEA

Enunciation and linguistic inclusion: a study about subjectivity and ASD

Lucas Danielli MARINHO*

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre os modos de constituição da subjetividade e da intersubjetividade linguística em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a partir da teoria da enunciação de Émile Benveniste. Partimos do pressuposto de que a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas o próprio espaço onde o sujeito se constitui enquanto tal. Nesse sentido, investigamos como pessoas com TEA, apesar das limitações comunicativas e sociais frequentemente associadas ao transtorno, podem se propor como locutores e sujeitos de seus próprios dizeres. Para isso, discutimos conceitos fundamentais da teoria benvenistiana, como a categoria de pessoa (eu/tu/ele) e a temporalidade do discurso, articulando-os às especificidades linguísticas do TEA, conforme descritas no DSM-V. Dessa maneira, percorremos os estudos diagnósticos do TEA e a teoria enunciativa de Benveniste para, ao fim do trabalho, estabelecermos reflexões sobre como o conceito de (inter)subjetividade, em Benveniste, pode ser uma possibilidade de discussão de questões envolvidas no tema da inclusão linguística. Metodologicamente, o estudo se caracteriza como um ensaio teórico-analítico de natureza qualitativa, fundamentado em pesquisa bibliográfica e na mobilização de dados de caráter ilustrativo, provenientes da série *Atypical* e da participação de Ju Barbosa no *reality* Corrida das Blogueiras. A partir dessa análise, defendemos que a inclusão linguística exige um olhar sensível do interlocutor, capaz de reconhecer a presença do sujeito mesmo em formas não convencionais de linguagem. Assim, a linguagem é entendida como meio de afirmação da identidade e do pertencimento social, sendo a enunciação um espaço potente de inclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Subjetividade. Transtorno do Espectro Autista. Inclusão linguística.

ABSTRACT: This article presents a reflection on the ways in which subjectivity and linguistic intersubjectivity are constituted in individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD), based on Émile Benveniste's theory of enunciation. We start from the assumption that language is not merely a communication tool but the very space in which the subject constitutes themselves as such. In this sense, we investigate how individuals with ASD, despite the communicative and social limitations often associated with the disorder, can position

* Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Professor efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC-RS). Passo Fundo - RS. proflucas.marinho@gmail.com

themselves as speakers and subjects of their own utterances. To do so, we discuss fundamental concepts from Benveniste's theory, such as the category of person (I/you/he) and the temporality of discourse, connecting them to the linguistic specificities of ASD as described in the DSM-V. Thus, we examine diagnostic studies on ASD and Benveniste's enunciative theory to, by the end of this work, establish reflections on how the concept of (inter)subjectivity in Benveniste can open possibilities for discussing issues related to linguistic inclusion. Methodologically, the paper is characterized as a qualitative theoretical-analytical essay, based on bibliographic research and the use of illustrative data drawn from the television series *Atypical* and from the participation of Ju Barbosa in the reality show *Corrida das Blogueiras*. From this analysis, we argue that linguistic inclusion requires a sensitive approach from the interlocutor, one capable of recognizing the presence of the subject even in unconventional forms of language. Thus, language is understood as a means of affirming identity and social belonging, with enunciation serving as a powerful space for inclusion.

KEYWORDS: Enunciation. Subjectivity. Autism Spectrum Disorder. Linguistic inclusion.

Artigo recebido em: 31.07.2025

Artigo aprovado em: 27.04.2026

1 Considerações iniciais

A inclusão, em suas diversas dimensões - social, educacional, cultural, laboral, digital, racial ou de pessoas LGBTQIAP+ - tem sido amplamente debatida nos últimos anos. Contudo, questionamos se tais discussões realmente alcançam a profundidade necessária no que diz respeito à vivência de pessoas que estão à margem da sociedade. Muitas vezes, a temática é instrumentalizada para fins de marketing e visibilidade, perdendo sua essência interdisciplinar, a qual envolve, entre outras áreas, a linguística. A inclusão genuína requer mais do que apenas palavras; requer ações concretas, políticas efetivas e transformações estruturais.

Nesse sentido, a presente pesquisa propõe estabelecer uma articulação entre a teoria da linguagem de Émile Benveniste e o Transtorno do Espectro Autista (TEA), com o intuito de refletir sobre a constituição do sujeito enquanto locutor que se inclui em sua própria enunciação, a partir de um exemplo real e outro ilustrativo, articulando as teorias abordadas com as situações citadas, de maneira que ilustrem as complexas inter-relações com a noção de intersubjetividade enunciativa em pessoas com TEA.

A língua desempenha um papel fundamental na cidadania e na inclusão. Ela é o alicerce da significação, comunicação e expressão. Sem a língua, não há sociedade,

pois ela é um dos seus constituintes. Sendo assim, o uso da linguagem é essencial para que o indivíduo se constitua como ser humano. Nesse viés, na busca pelo conhecimento, em qualquer âmbito, o indivíduo utiliza a linguagem como ferramenta reflexiva. Por isso, para embasar nossa abordagem, recorreremos ao teórico Émile Benveniste, que não apenas se preocupou com a linguagem humana, mas também com suas dimensões em relação ao ser humano enquanto sujeito.

Frisamos que, em nenhuma de suas obras, Benveniste estudou o Transtorno do Espectro Autista, porém, acreditamos que suas reflexões acerca da linguagem humana, da enunciação e da intersubjetividade podem ser deslocadas¹ ao TEA.

À luz das perspectivas teóricas que sustentam este trabalho, em especial a teoria enunciativa de Benveniste (2020 e 2023) e os estudos sobre TEA apresentados na seção 2, buscamos explorar como os princípios delineados encontram ressonância em um caso prático - a participação da designer de moda Ju Barbosa em um *reality show* da internet - e de que maneira uma série fictícia - *Atypical* (2021) - pode servir como dado ilustrativo às nossas reflexões.

Metodologicamente, o artigo se inscreve no campo dos estudos qualitativos de base teórica, configurando-se como um ensaio teórico-analítico, fundamentado na Linguística da Enunciação. A pesquisa é de natureza bibliográfica e reflexiva, e os dados mobilizados — uma produção ficcional e uma situação real de exposição midiática — possuem caráter estritamente ilustrativo, sendo acionados como operadores de leitura para sustentar a argumentação teórica. Não se trata, portanto, de uma pesquisa empírica com pretensão de generalização, mas de uma análise interpretativa orientada por categorias enunciativas. Desta forma, estes são os passos

¹ Segundo Knack (2020, p. 159), “o **deslocamento**, concebido como um ato de resignificação dos fundamentos benvenistianos empreendido pelo leitor-pesquisador a fim de abordar determinado fenômeno, assume um duplo e simultâneo estatuto, **epistemológico e operatório**, do qual resulta o seu **valor teórico-metodológico** em pesquisas prospectivas”. Os leitores que desejam aprofundar seus estudos sobre o tópico, sugerimos a leitura de: KNACK, C. De Benveniste às pesquisas prospectivas: a noção de deslocamento e seu valor teórico-metodológico. In: OLIVEIRA, G. F.; ARESI, F. (org.). **O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 142-163.

a serem seguidos, no que respeita à análise, com base no referencial teórico trabalhado: a) revisão bibliográfica do TEA e da teoria da enunciação de Émile Benveniste; b) escolha de trechos da participação de Ju Barbosa no *reality show* *Corrida das Blogueiras*; c) seleção de fragmentos da série “*Atypical*”; d) reflexão unindo o conceito de intersubjetividade e sujeitos falantes com TEA, utilizando a série “*Atypical*” como um dado ilustrativo e a passagem da criadora de conteúdo Ju Barbosa no *reality show* “*Corrida das Blogueiras*” como exemplo tangível.

Dessa maneira, este artigo tem como objetivo demonstrar de que modo a teoria da enunciação de Émile Benveniste permite compreender a constituição da (inter)subjetividade em sujeitos falantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Trata-se, então, de um estudo de natureza qualitativa e reflexiva, que mobiliza dados de caráter ilustrativo - provenientes de uma produção ficcional (*Atypical*) e de uma situação real (a participação de Ju Barbosa no *reality Corrida da Blogueiras*) - não com fins de generalização empírica, mas como apoio interpretativo para a discussão proposta. Busca-se, assim, deslocar o foco das limitações individuais para as condições intersubjetivas de produção do discurso da linguagem no TEA e para reflexões sobre inclusão linguística.

Iniciemos pelos estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista.

2 Linguagem, interação social e o Transtorno do Espectro Autista

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, segundo a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V)², caracterizados por déficits que surgem precocemente e afetam o funcionamento pessoal social e/ou acadêmico. Esses déficits

² “Dispositivo oficial de traçar os diagnósticos psiquiátricos nos Estados Unidos, sendo utilizado em grande escala no mundo e, tendo assim, grande influência sobre a Classificação Internacional de Transtornos Mentais da Organização Mundial de Saúde (OMS)” (Resende; Pontes; Calazans, 2016).

variam desde limitações específicas até prejuízos globais em habilidades sociais e cognitivas (*American Psychiatric Association*, 2014).

Embora o diagnóstico do TEA seja formulado no campo médico-clínico, as descrições diagnósticas aqui retomadas não têm por finalidade classificar ou esgotar a complexidade do Transtorno do Espectro Autista, mas funcionam como ponto de apoio para uma reflexão linguística. Interessa, neste trabalho, compreender de que modo características associadas ao TEA impactam as condições de interação discursiva, especialmente no que se refere à constituição da subjetividade e da intersubjetividade na linguagem.

Importante salientarmos que o TEA é um conjunto de transtornos e a nomenclatura “espectro” foi incluída “por conta da diversidade de sintomas e níveis que as pessoas apresentam. Cada indivíduo com autismo tem seu próprio conjunto de manifestações, tornando-o único dentro do espectro.” (Content, 2022). Dessa forma, tentaremos traçar os critérios diagnósticos das manifestações do transtornos, incluídos no espectro, mais conhecidos.

Por isso, o TEA

caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (*American Psychiatric Association*, 2014, p. 31).

Em outras palavras, o processo do diagnóstico de pessoas com TEA foca, principalmente, nos déficits persistentes que dizem respeito a duas grandes áreas: a comunicação e a interação social.

Neste sentido, como destaca Benveniste (2023), a linguagem é uma faculdade humana, ou seja, nenhuma outra espécie de animal a possui. Algumas habilidades de comunicação são encontradas no mundo animal, como é o caso das abelhas, que usam

de danças para comunicar algumas situações. Porém, não há reciprocidade, não há diálogo. O contrário acontece com os seres humanos, os quais nascem com essa faculdade da linguagem que permite aprender diferentes conjuntos de signos linguísticos que significam.

Sendo assim, um dos fatores que nos define enquanto humanos é, justamente, a capacidade de estabelecer relações dialógicas com nossos interlocutores. Mas, isso pode se tornar uma questão para indivíduos com TEA, pois segundo a *American Psychiatric Association* (2014, p. 53),

muitos indivíduos têm déficits de linguagem, as quais variam de ausência total da fala, passando por atrasos na linguagem, compreensão reduzida da fala, fala em eco até linguagem explicitamente literal ou afetada. Mesmo quando habilidades linguísticas formais (p. ex., vocabulário, gramática) estão intactas, o uso da linguagem para comunicação social recíproca está prejudicado no transtorno do espectro autista.

Usualmente, as capacidades linguísticas de um indivíduo são desenvolvidas na primeira infância, momento em que passa pelo processo de aquisição de sua língua materna. Porém, quando falamos de uma criança diagnosticada com o transtorno do espectro autista, falamos de seres humanos que podem apresentar pouca ou nenhuma capacidade de iniciar interações sociais, bem como de compartilhar o que está sentindo ou deseja. A faculdade da linguagem é mobilizada de uma maneira curiosa, com pouca ou quase nenhuma reciprocidade, caráter essencial do diálogo, pois “costuma ser unilateral, sem reciprocidade social, usada mais para solicitar ou rotular do que para comentar, compartilhar sentimentos ou conversar” (*American Psychiatric Association*, 2014, p. 53).

No entanto, “entre adultos com linguagem fluente, a dificuldade para coordenar a comunicação não verbal com a fala pode passar a impressão de ‘linguagem corporal’ estranha, rígida ou exagerada durante as interações” (*American Psychiatric Association*, 2014, p. 54). Sendo assim, enquanto crianças com TEA

apresentam maior dificuldade em iniciar uma interação social e compartilhar sentimentos e desejos, na vida adulta as questões parecem ser outras, sendo a principal a de coordenar a comunicação verbal com a não verbal, de maneira que esteja dentro do padrão social no qual estão inseridos.

As vocalizações da criança com TEA nos primeiros anos de vida frequentemente estão relacionadas a um tom não usual, o qual inclui gritos repetitivos, zumbidos, onomatopeias, gemidos ou ecolalia. Dito isso, a maioria das crianças falantes com TEA e que possuem um grau de ecolalia na fase inicial da aquisição da linguagem tendem a diminuir a frequência com o passar do tempo.

Segundo Tager-Flusberg e Caronna (2007, p. 5, tradução nossa), “até um quarto das crianças com TEA, entre 12 e 18 meses, apresentam regressão de linguagem”. Isso não significa que haja perda drástica da linguagem na maioria dessas crianças em relação ao desenvolvimento típico, mas sim que a criança fazia uso de palavras isoladas inconscientemente e, gradualmente, elas desapareceram. Enquanto isso, os responsáveis por elas relatam, costumeiramente, um retraimento social e afetivo, bem como mudança de temperamento.

Parte das dificuldades linguísticas apresentadas por indivíduos com TEA decorre das limitações para relacionar o *input* (conhecimento inicial que você absorve) com o conhecimento de mundo real, o que pode resultar em sua compreensão prejudicada do que o seu interlocutor está querendo comunicar. Uma das estratégias utilizadas para que o diálogo seja efetivo, e, desta maneira, o sujeito com TEA se proponha como locutor, é a utilização de vocabulário direto do que gostaria de se dizer. Isso, pois, tendo em vista, que indivíduos com TEA possuem deficiências centrais que fazem com que elas não utilizem tantas expressões faciais, linguagem corporal ou entonação para determinar a intenção de sua mensagem, a utilização de solicitações indiretas e não literais, como mentiras ou piadas irônicas, podem fazer com que o diálogo não seja concreto (*American Psychiatric Association, 2014*).

A fala de indivíduos com TEA pode soar estranha ou incomum perante as convenções sociais, e, justamente isto, é um dos sinais clínicos do distúrbio reconhecidos imediatamente. Dentro das questões linguísticas mais comuns do TEA estão as “dificuldades na área pragmática da língua e a capacidade de usá-la efetivamente em uma variedade de contextos sociais” (Tager-Flusberg; Caronna, 2007, p. 7, tradução nossa). Como já citado, indivíduos com TEA apresentam uma dificuldade no uso da língua, tornando-o limitado, pois raramente fazem comentários, solicitam informações, reconhecem-nas ou informam sobre algum assunto.

O interlocutor com TEA pode não seguir as convenções sociais do contexto social no qual está inserido, muitas vezes causando o efeito de falta de polidez ou educação, deixando de seguir regras comuns de comportamento, fazendo comentários que não possuem relevância direta com o assunto em questão e, no momento do diálogo, podem apresentar problemas na troca com seus pares, falando demais ou de menos. Isso se repete no momento em que é solicitado para esse indivíduo narrar eventos de sua própria vida ou histórias, pois pode não haver referência clara, ou o evento é apresentado de forma confusa e/ou desorganizada. As dificuldades relacionadas à pragmática da língua criam uma grande barreira na adaptação social de crianças e adultos com TEA, levando a comportamentos fora do esperado na sala de aula, parquinho e/ou trabalho.

Além disso, sabemos e entendemos a importância de respeitar o tempo de cada criança para desenvolver habilidades linguísticas, porém, isso não significa que não existam marcos que devem ser avaliados durante o seu desenvolvimento. O Quadro 1 apresenta alguns desses marcos.

Como já mencionado, o tempo de desenvolvimento de cada criança pode variar bastante, mas esses marcos trazem uma espécie de “guia” a ser levado em consideração, o qual somente especialistas poderão informar se, de fato, a criança está com atraso na fala e se este é um sintoma do TEA ou somente o atraso.

Quadro 1 – Marcos do desenvolvimento linguístico.

Um ano de idade	a criança aponta o que quer e combina palavras;
Dois anos de idade	o repertório de palavras e combinações deve aumentar;
Três anos de idade	passa a compreender conceitos de oposição, como quente/frio; forte/fraco; grande/pequeno e começa a apresentar fatos que foram vivenciados.
Quatro anos de idade	ainda ocorrem alguns errinhos de pronúncia, mas já conseguem contar histórias completas. Apresentam a fala fluente, utilizando frases com todos os elementos.

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Espaço Humare (2023).

Por fim, as crianças atravessam fases semelhantes durante o seu desenvolvimento, como a utilização de linguagem não verbal para se comunicar e o balbúcio (processo em que bebês começam a repetir palavras e sons, como “bababa” e “dadada”), parte fundamental do estabelecimento de conexões sociais. Conforme o crescimento vai acontecendo, começam a adquirir novos vocabulários e sons e, posteriormente, desenvolvendo habilidades linguísticas mais complexas, como a construção de orações mais elaboradas.

De modo geral, demonstram maior interesse nos seus próprios assuntos do que no de seus pares, além de, raramente, imitar ações desses (marco importante no desenvolvimento típico). Isso dificulta a reciprocidade, característica essencial do diálogo, o qual se faz presente nos processos de intersubjetividade e subjetividade.

As dificuldades linguísticas observadas em pessoas com TEA não se restringem a déficits estruturais (fonológicos e/ou morfossintáticos) da língua, mas envolvem, sobretudo, dimensões pragmáticas, interacionais e discursivas. Pesquisas fundamentadas em abordagens enunciativas e discursivas (Barros, 2011; Souza, 2013) indicam que o sujeito autista mobiliza a linguagem de maneira singular, o que exige do interlocutor uma escuta sensível às formas não convencionais de enunciação.

Nessa perspectiva, a noção de intersubjetividade torna-se central, uma vez que a constituição do sujeito na linguagem depende da possibilidade de reconhecimento recíproco entre *eu* e *tu*. No autismo, tal reconhecimento pode ser fragilizado não pela

ausência de linguagem, mas pela dificuldade de ajustamento às convenções sociais que regulam a troca discursiva. Assim, compreender a linguagem no TEA implica deslocar o olhar de uma lógica deficitária para uma perspectiva que valorize os modos singulares de inscrição do sujeito no discurso.

3 A categoria de pessoa e a constituição da subjetividade na enunciação

Benveniste trata a enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 2023, p. 82). Em outros termos, ela é entendida como o uso da língua e pressupõe um quadro enunciativo, o qual se configura por sujeitos (categoria de pessoa: *eu* e *tu*), espaço e tempo.

Para nos fazermos claros, iniciemos com considerações acerca da categoria de pessoa, constituída enquanto uma classe primária da linguagem, na qual é possível “visualizar” a “experiência subjetiva dos sujeitos que se situam na e pela linguagem” (Flores, 2013, p. 123). A categoria de pessoa é, então, uma forma de expressão linguística, que, por meio do sistema de referências individuais de cada sujeito, este se apropria, enquanto locutor, ao enunciar, tornando-se único e irrepetível em cada uso da enunciação.

Nesse sentido, Benveniste (2020, p. 273) explicita que

os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamamos as “instâncias do discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor.

Assim, Benveniste (2020) trata os pronomes como um problema de linguagem, isto é, algo que transpassa a diferença gramatical entre línguas. Nesse sentido, ele propõe reflexões sobre a categoria de pessoa, a qual está inserida no quadro enunciativo que se configura por sujeitos (a categoria, em questão), tempo e espaço.

Entendemos aqui algumas diferenças entre o *eu* (categoria de pessoa) e o “eu”

(pronome). O último pertence à sintaxe da língua, aquele às instâncias do discurso, assim “cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal” (Benveniste, 2020, p. 274), porque “*Eu* só pode definir-se em termos de “locução”, não em termos de objetos, como um signo nominal. *Eu* significa ‘**a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*’**” (Benveniste, 2020, 274, grifos nossos). Assim sendo, entendemos o *eu* como a pessoa da enunciação, ou seja, é pertencente à instância discursiva.

À vista disso, ao introduzirmos a situação de “alocução”, obtemos uma definição simétrica para o *tu*: “o indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística *tu*” (Benveniste, 2020, p. 274). O linguista Benveniste (2020), ainda mostra o grande porquê do pronome ser um problema de linguagem e não somente de uma língua-idioma. “Essas definições visam eu e tu como uma categoria de linguagem e se relacionam com a sua posição na linguagem” (Benveniste, 2020, p. 279). Assim, o eu e o tu não são formas linguísticas, mas sim constituem-se como posições na linguagem.

Essas formas pronominais desempenham o papel de fornecer o instrumento para a conversão da linguagem em discurso. Ao identificar-se como pessoa única ao pronunciar *eu*, cada locutor se propõe alternadamente como “sujeito”. Portanto, o uso dessas formas está condicionado à situação de discurso e não a outras circunstâncias.

A linguagem previne esse perigo instituindo um signo único, mas móvel, *eu*, que pode ser assumido por todo locutor, com a condição de que ele, cada vez, só remeta à instância do seu próprio discurso. Esse signo está, pois, ligado ao exercício da linguagem e declara o locutor como tal. É essa propriedade que fundamenta o discurso individual, em que cada locutor assume por sua conta a linguagem inteira (Benveniste, 2020, p. 276).

Quando nos apropriamos dela, a linguagem se transforma em instâncias de discurso, caracterizadas por um sistema de referências internas cuja chave é o pronome “eu”. Esse “eu” define o indivíduo pela construção linguística particular que ele utiliza ao se expressar como locutor. Assim, os indicadores “eu” e “tu” não podem existir

apenas como signos virtuais; eles não são meramente abstrações, mas sim atualizados na instância de discurso, marcando o processo de apropriação pelo locutor.

A “terceira pessoa” representa, de fato, o membro não marcado da correlação de pessoa. Por isso, entenderemos, aqui, o *eu* e o *tu* como as pessoas do discurso e o *ele/ela* como as pessoas de fora, ou seja, de quem/do que se fala.

Na classe formal dos pronomes, os chamados de “terceira pessoa” são completamente diferentes de *eu* e *tu*, tanto em função quanto em natureza. Como já se observou há muito tempo, formas como **ele**, **o**, **isso**, etc., servem apenas como substitutos abreviados. Portanto, não há semelhança entre a função desses substitutos e a dos indicadores de pessoa.

O que realmente distingue a “terceira pessoa” é:

- a) A capacidade de combinar-se com qualquer referência de objeto.
- b) A ausência de reflexividade em relação à instância de discurso.
- c) A variedade de variantes pronominais ou demonstrativas. A incompatibilidade com o paradigma de termos referenciais como “aqui”, “agora”, etc.

Portanto, uma análise sumária das formas classificadas como pronominais revela classes de natureza completamente diferentes. Isso nos leva a distinguir a língua como um repertório de signos e sistema de combinações, por um lado, e a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso, caracterizadas por índices próprios, por outro. Isso posto, podemos compreender de forma mais clara o que Benveniste diz em seu texto “Da subjetividade da linguagem”, de 1958.

Ele inicia propondo uma reflexão sobre a linguagem como instrumento. “Falar de instrumento é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. **A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou**” (Benveniste, 2020, p. 282, grifo nosso). Podemos pensar que durante os milênios, de acordo com as necessidades impostas pelo mundo, o ser humano criou uma forma de comunicação chamada linguagem. Não devemos nos enganar. Não

existem registros que possibilitem ver o ser humano sem a linguagem, é algo natural. Nunca foi possível ver o homem reduzido a si próprio, sem a linguagem.

A linguagem não deve ser reduzida a um mero instrumento. Os caracteres da linguagem, sua natureza imaterial, seu funcionamento simbólico e sua organização articulada já são suficientes para suscitar dúvidas sobre essa assimilação. Embora na prática cotidiana a palavra pareça funcionar como uma “coisa” que trocamos. Essa função retorna à própria palavra. A aptidão para a comunicação reside em uma propriedade da linguagem, que permanece pouco visível e difícil de caracterizar completamente.

Se é da natureza humana possuir a faculdade da linguagem, entendemos que **“É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito**; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de “ego” (Benveniste, 2020, p. 282, grifo nosso). Dito isso, é por meio dela que, não só entendemos a definição da sociedade, mas também, a de *eu*: o sujeito de sua própria enunciação. Por isso, a subjetividade que trataremos aqui é “a capacidade do locutor se propor como ‘sujeito’. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo” (Benveniste, 2020, p. 286). Ou seja, a subjetividade que trazemos neste trabalho é o “eu” que diz *eu*. “Encontramos aí o fundamento da ‘subjetividade’ que se determina pelo status linguístico da ‘pessoa’. A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste” (Benveniste, 1991, p. 286). Isto é, não utilizamos o *eu* sem estarmos nos dirigindo a alguém. Esse alguém que será nossa alocação, o *tu*.

A partir desse entendimento, questionamo-nos de que forma [a pessoa] com TEA movimentada as ferramentas dispostas pela língua para passar de locutor a sujeito de sua própria enunciação. Ele se auto inclui na enunciação? Se sim, como? Apesar das barreiras, a enunciação se torna efetiva? (Marinho; Toldo, 2023, p. 7).

É nessa condição constitutiva de pessoa que se encontra o diálogo, o qual implica a reciprocidade: ora sou *eu*, ora sou *tu*. A linguagem só é possível porque cada

falante se apresenta como sujeito, referindo-se a si mesmo como *eu* em seu discurso. Assim, propomos a existência de outra pessoa, alguém que, embora exterior a “mim”, torna-se meu eco - a quem chamamos de *tu* e que me responde da mesma forma. A polaridade das pessoas é fundamental na linguagem, e o processo de comunicação decorre dessa polaridade de maneira pragmática. Essa é singular e não tem equivalente fora da linguagem. Ela não implica igualdade nem simetria: o *ego* sempre ocupa uma posição de transcendência em relação ao *tu*, mas ambos são complementares e reversíveis. Não há paralelo para essa dinâmica.

Por isso, a condição humana na linguagem é única. Somente o ser humano cria essa reversibilidade. Assim, as antigas dicotomias entre “eu” e “outro”, indivíduo e sociedade, perdem relevância. Essa dualidade não pode ser reduzida a um único termo original. Em vez disso, é na interação dialética entre os dois termos que encontramos o fundamento linguístico da subjetividade. Sendo assim, a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso.

No entanto, esses pronomes se distinguem de todas as outras designações linguísticas. Eles não se referem a um conceito abstrato nem a um indivíduo específico. Não existe um conceito global de “eu” que englobe todas as instâncias individuais desse pronome, como ocorre com o conceito de “livro”, que abrange todos os usos individuais da palavra “livro”. O “eu” não denota uma entidade lexical específica. Poderíamos argumentar que o *eu* se refere a um indivíduo particular? Se assim fosse, haveria uma contradição permanente na linguagem: como um único termo poderia referir-se indiferentemente a qualquer indivíduo e, ao mesmo tempo, identificá-lo em sua singularidade? Estamos diante de uma classe de palavras, os “pronomes pessoais”, que escapam ao status de todos os outros signos linguísticos.

“A que, então, se refere o *eu*? A algo de muito singular, que é exclusivamente linguístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor” (Benveniste, 2020, p. 285). Esse termo só pode ser compreendido

dentro do contexto de uma instância de discurso específica, e sua referência é sempre atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do próprio discurso. Na instância de discurso em que o *eu* designa o locutor, este se apresenta como “sujeito”. Portanto, é literalmente verdadeiro que o fundamento da subjetividade reside no exercício da língua. Se refletirmos cuidadosamente, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito além daquele que ele mesmo oferece sobre si mesmo. “A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua toda designando-se como *eu*” (Benveniste, 2020, p. 285).

Além disso, a subjetividade se completa com a expressão da temporalidade, ambas se somam à categoria espacial e forma a tríade enunciativa. Pensemos, em qualquer tipo de língua, observa-se uma organização linguística da noção de tempo. Essa noção pode ser marcada pela flexão verbal ou por palavras de outras classes (partículas, advérbios, variações lexicais etc.). Independentemente da forma, todas as línguas distinguem “tempos”. Por exemplo, o francês separa passado e futuro por meio de um “presente”, enquanto outras línguas, como algumas ameríndias, têm distinções entre “presente-passado” e “presente-futuro” em relação ao passado. Essas distinções refletem a estrutura formal da linguagem.

Para compreendermos de melhor maneira o tópico “tempo”, remetemos ao texto “A linguagem e a experiência humana”, de 1965. Nele, Benveniste continua suas reflexões sobre a categoria de pessoa, mas agora somadas às da categoria de tempo.

Aqui, ele institui que todas as línguas possuem categorias e que

a língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira (Benveniste, 2023, p. 69).

Segundo o linguista, podemos identificar três (03) tempos, a saber: o físico, o crônico e o linguístico. Apesar de nos debruçarmos principalmente sobre o último, cabe a nós fazermos uma breve definição sobre os três, conforme Quadro 2.

Quadro 2 – Os três tempos.

TEMPO FÍSICO	TEMPO CRÔNICO	TEMPO LINGUÍSTICO
É um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade. Ele tem por correlato no homem uma duração infinitamente variável que cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior.	É o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos.	O que o tempo linguístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala [...] Este presente é reinventado a cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo, ainda não vivido.

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Benveniste (2023, p. 71-75)

Dessa forma,

observar-se-á que na realidade a linguagem não dispõe senão de uma única expressão temporal, o presente, e que este, assinalado pela coincidência do acontecimento e do discurso, é por naturalidade implícito. [...] A língua não os situa no tempo [passado e presente] segundo sua posição própria, mas somente pontos vistos para trás ou para frente *a partir do presente* (Benveniste, 2023, p. 76).

Sendo assim, na expressão da língua possuímos somente o tempo presente, o passado e o futuro são projeções presentes na virtualidade da língua, esta tendo as marcas para identificá-los, mas quem a ordena são os falantes. Isto é, toda vez que o ser humano movimentar a língua para enunciar, ele institui um novo momento, o qual ainda não foi vivido. Por isso, na enunciação, o único tempo existente é o presente da fala. O passado e o futuro são, somente, projeções a partir do tempo presente, para frente e para trás.

Ademais, a categoria de pessoa somada a de tempo instituem a **dialética singular**: um diálogo interior que define a mola da subjetividade. Assim, (re)organizamos o questionamento anterior: como pessoas com TEA se propõem como sujeitos em suas enunciações, **no tempo presente da fala?**

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas "vazias" das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua "pessoa", definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu* (Benveniste, 2020, p. 286).

A instância de discurso é fundamental para todas as coordenadas que definem o sujeito, embora mencionemos apenas as mais evidentes de forma resumida. A introdução da "subjetividade" na linguagem cria a categoria da pessoa, tanto dentro quanto fora da linguagem. Além disso, essa mudança de perspectiva tem efeitos diversos na estrutura das línguas, afetando a organização das formas e as relações de significado.

Como conclusão, Benveniste (2020, p. 287) faz um pequeno parágrafo explicando a "intersubjetividade":

muitas noções na linguística, e talvez mesmo na psicologia, aparecerão sob uma luz diferente se as restabelecemos no quadro do discurso, que é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de intersubjetividade, única que torna possível a comunicação linguística.

De acordo com Flores (2009), Émile Benveniste reflete a noção de subjetividade de maneira complexa e multifacetada, a qual é moldada pelos diversos contextos teóricos em que o autor a explorou ao longo de sua carreira. Em "Da subjetividade...", Benveniste estabelece uma relação intrínseca entre linguagem, intersubjetividade e a constituição do sujeito. A linguagem, para o autor, não é apenas um instrumento de

comunicação, mas sim a condição de existência do homem, sempre em relação ao outro. É nesse diálogo constante que a subjetividade se forma, marcada pelas categorias gramaticais de pessoa.

No entanto, a subjetividade benvenistiana não se restringe à estrutura da língua. Ela também se manifesta no ato de enunciação, na própria ação de enunciar. Nesse sentido, a subjetividade está ligada à temporalidade do discurso e à singularidade de cada ato de linguagem. Percebemos, então, que ela é um conceito que se entrelaça com diversas outras noções, como a intersubjetividade, a linguagem e a pessoa, oferecendo um panorama rico e complexo sobre a constituição do sujeito na perspectiva linguística. Nesse sentido, continuamos nosso trabalho conceituando o que entendemos por enunciação.

4 O real e o ficcional no espectro

Pensando em tudo que propomos até agora, entendemos que não é suficiente que o locutor reconheça os signos linguísticos que lhe são apresentados, mas que os compreenda e consiga mobilizá-los em diferentes contextos para que, finalmente, reconheça seu interlocutor e se constitua como um sujeito na linguagem.

Para que isso possa ser possível, cremos que um dos diversos caminhos que podem ser trilhados é o de “promover a experiência de si próprio na língua” (Souza, 2013, p. 122). Experiência esta que coloque a pessoa com TEA em situações que façam sentido para ela e, assim, consiga mobilizar os signos linguísticos a seu favor, sendo entendido e entendendo seus interlocutores, possibilitando, desta forma, a condição do diálogo.

Neste sentido, Souza (2013, p. 111) observa que

não basta, portanto, ter o domínio do sistema na forma de signos reconhecíveis. É preciso que a [pessoa] tenha a possibilidade de atualizar isso no diálogo com um *tu*, que a identifique como um *eu*, pois está em curso o reconhecimento dela como locutor pelo

interlocutor, para que sua constituição como sujeito na linguagem aconteça.

Por isso, “uma relação subjetiva (do que *eu* enuncia)/intersubjetiva (do *eu* com o *tu*) é necessária para explicar as relações discursivas” (Souza, 2013, p. 111), pois entendê-las - através do conceito de subjetividade de Émile Benveniste - de cada indivíduo é uma das maneiras de promover um mundo mais inclusivo.

Dito isso, a série *Atypical* (2021), da Netflix, acompanha a história de Sam Gardner, um estudante de 18 anos com transtorno do espectro autista (TEA), verbal e nível 1 de suporte - categoria que indica indivíduos com maior autonomia funcional, mas que ainda apresentam dificuldades persistentes na interação social e comunicação, aspectos importantes para a análise linguística aqui proposta.

A série aborda os desafios e alegrias da vida de Sam e sua família. Além disso, a produção cinematográfica, “ao oferecer uma perspectiva rica e multifacetada sobre o autismo, *Atypical* (2021) contribui para o avanço da consciência pública e a desestigmatização de condições do espectro autista” (Redação O Antagonista, 2024), uma vez que ela também contribuiu para a popularização dos termos “atípico” e “neurotípico” no debate público brasileiro. Cabe ressaltar, contudo, que tais termos não se originam estritamente da área médica, mas emergem de debates sociais, políticos e acadêmicos sobre o autismo, especialmente no contexto dos estudos críticos da deficiência e da neurodiversidade. Com o avanço dos estudos sobre a temática, os termos “pessoa com/sem autismo” e “autista/não-autista” soam mais específicos, uma vez que diversas pessoas podem ser classificadas como neurodivergentes: indivíduo com epilepsia ou depressão, por exemplo (Clinical Psychology Of Social Interaction Lab, 2022).

A escolha da série *Atypical* (Netflix) e da participação de Ju Barbosa no reality *Corrida das Blogueiras* dá-se, portanto, por representarem dois espectros da visibilidade autista na contemporaneidade: a representação ficcional pedagogicamente estruturada e a performance real em um ambiente de pressão social

e competitividade linguística. Tais dados funcionam aqui como operadores de leitura para a teoria de Benveniste.

Nesse sentido, justifica-se a escolha do seriado como um dado ilustrativo, isto é, ele não constitui um *corpus* completamente fidedigno à realidade. Mesmo que a produção audiovisual em questão tenha um prestígio no mundo de quem estuda/pesquisa o TEA por apresentar um personagem completo e único, bem como, por ter indivíduos dentro do espectro produzindo-a, inferimos a escolha dela como um auxílio em nossas reflexões, de maneira que ela é e será entendida como uma ficção, que, sim, pode conversar com a realidade em diversos pontos, porém se mantém como uma obra ficcional.

Dessa forma, nos colocamos na posição de leitores dessa história, onde a usaremos com o intuito de ilustrar e expressar nossas reflexões, a partir do referencial teórico selecionado e apresentado até aqui. Serão "análises", também ilustrativas, que têm o intuito de provocar novas e outras discussões sobre o tema. Porém, em nenhum momento, vamos considerá-la como um dado real.

Entendendo a linguagem não apenas como um meio de comunicação, mas como o lugar pelo qual o locutor se propõe como sujeito, vemos que, entretanto, no autismo, essa construção do sujeito pode se manifestar de maneiras segmentadas, como, por exemplo, uma fala disfuncional ou com presença de ecolalia. No episódio cinco, da temporada três, intitulado *Only Tweed*³, do início aos 11 segundos da série em questão, podemos observar que a professora abre o espaço para que os estudantes se constituam como sujeitos partícipes de um diálogo. Como é ilustrado na Figura 1.

³ ATYPICAL [Sam Gets An F]. Direção de Victor Nelli Jr.. Roteiro: D.J. Ryan. Culver City: Sony Pictures Television, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fM0ZM-EWL7E>. Acesso em: 17 jul. 2024. Tradução nossa.

Figura 1 – A interrupção da relação dialógica no ambiente acadêmico. O frame captura a falha na instauração da correlação de pessoa (*eu-tu*), evidenciando como a desconsideração das especificidades comunicativas do sujeito com TEA pode resultar em uma ruptura na dinâmica enunciativa e na sua exclusão do processo de interlocução.



Fonte: *Atypical* (2021).

Entretanto, Sam, não consegue. O garoto, mesmo que seja verbal e, na maior parte das vezes, consiga se comunicar de maneira convencional, desta vez não pôde “entrar” no diálogo, pois, ao tentar ser o primeiro a falar e ser interrompido por uma colega e essa sucedida por toda a turma falando ao mesmo tempo, Sam começa a olhar para todos os lados, a verificar sua folha com a pesquisa do assunto, a apertar sua caneta numerosas vezes, a morder os lábios e a conferir o relógio posto na parede da sala. Por isso, o estudante não fala e o tempo se encerra. Ou seja, devido a características de seu diagnóstico, o personagem não pôde se propor enquanto sujeito daquela enunciação.

A linguagem no autismo, do ponto de vista da Linguística da Enunciação, configura-se como um espaço vivo para a constituição e estruturação do sujeito preso a um corpo esfacelado e marcado pelos discursos carregados de impossibilidades característicos desse transtorno do desenvolvimento (Barros, 2011, p. 232).

Mesmo que exista uma “espécie de ‘acordo velado’” (Barros, 2011, p. 231) entre as pessoas do discurso, orientando a troca de turno, Sam não teve uma real oportunidade de estabelecer trocas com a professora, pois, ao ser colocado em um

ambiente de bastante pressão, principalmente em relação ao tempo e ao medo da falha, o personagem, mesmo posteriormente mostrando que sabia sobre o tópico, não teve a possibilidade de ter a experiência de si próprio na língua. A linguagem, então, tece as relações sociais, sendo o palco onde os sujeitos se constituem e se reconhecem mutuamente. O diálogo, como cerne da interação linguística, não se resume a uma troca de informações, mas a uma experiência de intersubjetividade. Ao se dirigir a um *tu*, o sujeito se constitui como *eu* e, ao mesmo tempo, reconhece no outro o seu interlocutor. Desse modo, a intersubjetividade enunciativa se dá pela troca com outrem, o que não aconteceu na cena citada anteriormente.

Em contrapartida, trazemos, agora, um exemplo real. A participante do *reality show* “Corrida das Blogueiras” (CDB), produzido pelo canal Diva Depressão e pela emissora de televisão via *streaming* Dia TV, Ju Barbosa expôs algumas situações parecidas com a de Sam e outras que se distanciam da série em sua passagem pela 6ª temporada do programa. Desde 2018 no ar, a produção audiovisual conta com seis temporadas, tendo a sexta finalizada em janeiro de 2025, reunindo participantes que trabalham como *influencers digitais* e buscam uma chance de poderem alcançar mais público. O programa traz semanalmente uma prova principal e uma prova de eliminação com os participantes que tiveram os piores resultados na primeira prova, ambas avaliam diferentes talentos que um(a) blogueiro(a) pode ter: maquiagem, *Do it yourself (DIY)*, comunicação, publicidade, entre outros.

A sexta temporada conta uma história um pouco diferente: intitulada “Nova Chance”, resgata ex-participantes das outras cinco temporadas e procura, como o nome diz, dar uma nova chance para pessoas que marcaram a história do *reality*. Dentre os 12 participantes escolhidos, Ju Barbosa⁴ foi a selecionada para representar a primeira temporada do programa, na qual ficou em terceiro lugar e ficou conhecida pelo público por suas aptidões em provas de costura e produção de roupas com cola quente.

⁴ Em contato pelo Instagram, Ju autorizou o uso de sua imagem e de suas falas em nossa pesquisa.

Ju conquistou o novo público do Corrida e trouxe à tona a questão que a fez estar presente em nosso trabalho: teve um diagnóstico tardio de dupla excepcionalidade de TEA⁵ e altas habilidades/superdotação e falou abertamente sobre essa questão no programa e em suas redes sociais, abordando de que maneira isso impactou na maneira que o público e seus adversários a viram no jogo.

Ju Barbosa é formada em *design* de moda pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e, atualmente, trabalha com redes sociais falando sobre moda responsável, estilo na vida real, customização e recortes da sua vida. Ao retornar ao CDB enfrentou, desde o primeiro episódio, apontamentos de seus concorrentes a respeito de ser muito tímida, falar pouco e não se conectar com eles.

Exemplo disso ocorreu no episódio de estreia, no qual, apesar de estar no grupo que teve destaque positivo, recebeu quatro dos doze votos em uma dinâmica em que o elenco deveria votar em uma pessoa para ir realizar a prova de eliminação com outros dois participantes escolhidos previamente pelos jurados. A justificativa da maioria se apoiou no fato de Ju ser mais introspectiva e não ter criado laços com eles.

Em vários outros momentos alguns participantes continuaram afirmando o mesmo, embora a designer de moda ter relatado sobre o seu diagnóstico e que, por conta dele, ela tem dificuldades de socialização. No decorrer do programa, a prova “15 minutos de fama”⁶ dividiu o elenco em trios e um quarteto para montarem seus próprios programas de variedade, com uma temática pré-definida pelo vencedor da prova anterior. Nessa ocasião, Ju participou pela primeira e única vez da prova de eliminação pois falou apenas duas vezes em 15 minutos.

Então, pensemos, a partir da linguística da enunciação, entendemos que o interlocutor deve assumir um papel ativo, atribuindo ao sujeito autista um lugar de

⁵ Ju Barbosa teve seu diagnóstico aos 26 e não conta em nenhum de seus vídeos ou no programa qual o seu nível de suporte. Por respeito a ela e a sua privacidade, não faremos especulações ou hipóteses, inclusive por não ser da nossa alçada profissional emitir um diagnóstico.

⁶ DEPRESSÃO . EP3 Corrida das Blogueiras 6: 15 minutos de fama com Grag Queen | DiaTV. 26 nov. 2024a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OvUmjKpbME>. Acesso em: 09 jan. 2025.

reciprocidade. Isso envolve a aceitação das manifestações linguísticas da pessoa com TEA, como parte de troca, em vez de considerá-lo apenas um indivíduo com distúrbios de linguagem.

Ao considerarmos a linguagem um espaço de subjetividade, qualquer expressão - seja ela verbal ou não-verbal - pode ser vista como a proposição desse locutor como sujeito que enuncia, o que não ocorre no trecho do vídeo da série *Atypical* (2021) citado: a professora traz uma proposta de trabalho e abre a possibilidade de diálogo e a maior parte da turma consegue fazer a alternância entre *eu* e *tu*. O mesmo não ocorre com Sam, devido aos motivos supracitados. E, afirmamos, essa alternância é essencial para que o sujeito se constitua.

Ainda, isso também não ocorre com Ju, que, ao se deparar com um momento em que precisa, obrigatoriamente, interagir com outros dois participantes para ter um bom resultado, a *designer* de moda fica em silêncio. Além disso, não teve tantas aberturas de seus colegas para falar, tornando-se notável que Jahde e Vini - seus companheiros de prova - propuseram um diálogo entre eles, encarando poucas vezes Ju como o *tu* de suas enunciações, o que pode demonstrar que ela estava sendo vista como um *ele* que está fora do processo enunciativo, de maneira que ela não teve oportunidades para se constituir enquanto o *eu* de sua enunciação. Essa dinâmica evidencia como a exclusão linguística ocorre quando o ambiente não oferece as condições de reciprocidade necessárias para que o sujeito TEA se constitua como 'eu' em seu discurso.

O estudo da tríade *eu-tu/ele* revela que, nesse contexto, a linguagem transcende a mera função comunicativa, constituindo-se como um espaço de negociação social e de construção de significados compartilhados. A especificidade da experiência linguística de indivíduos com TEA evidencia a importância da intersubjetividade na constituição do sujeito e na produção de sentido em conjunturas de interação. A partir da análise dos atos de fala, podemos observar como as dificuldades de interação social características do TEA se relacionam com particularidades na compreensão e no uso

da linguagem, impactando a capacidade de estabelecer vínculos interpessoais e de construir uma identidade social, fato que podemos observar na prova supracitada. A subjetividade, então, está presente na forma com que o autista se insere no diálogo, o que não ocorreu nos trechos.

Quando falamos de promover uma experiência que coloque a pessoa com TEA em situações que façam sentido para ela e, assim, consiga mobilizar os signos linguísticos a seu favor, sendo entendido e entendendo seus interlocutores, possibilitando, dessa forma, a condição do diálogo, estamos tratando de situações onde os partícipes da cena enunciativa entendam as limitações do sujeito autista para que esses sejam incluídos e desenvolvam o sentimento de pertencimento àquele lugar.

Voltamos ao caso da Ju Barbosa: a criadora de conteúdo relatou que tem problemas de socialização, não de comunicação. Ou seja, Ju tem uma comunicação muito clara e coesa, sem aparentes transtornos de linguagem. Comprovação disso se efetiva no mesmo episódio em que ela vai para a eliminação por conta da prova do programa de variedades. Na situação, ela e mais três participantes precisaram fazer um *review*⁷ de uma marca de *body splashes*⁸ com cheiros inusitados (feijão, ovo frito e cebola) e, no fim da prova, Ju é a primeira a ser salva justamente por conseguir comunicar tudo que os jurados solicitaram de maneira clara, coesa, carismática e tranquila.

Esse momento da participante revela algo interessante: apesar de um dos critérios diagnósticos essenciais ser “déficits persistentes na comunicação social e na interação social” (*American Psychiatric Association*, 2014, p. 50), destacamos a

⁷ No contexto online, um *review* é uma avaliação crítica ou análise escrita por consumidores, que compartilham suas experiências com um produto, serviço, empresa ou mesmo conteúdo, com o intuito de informar outros potenciais compradores. É uma maneira de compartilhar o exemplo da sua própria experiência (Seo, 2025).

⁸ O *body splash* é um produto da categoria de perfumaria, também chamado de splash desodorante colônia, que serve para promover perfumação na rotina. Sua fragrância geralmente é suave e agradável, proporcionando aquela deliciosa sensação de frescor após o banho. É ideal para ser usado em todos os momentos, seja em casa, durante o dia ou quando você quiser sair e usar uma perfumação mais delicada (O Boticário, 2025).

singularidade de cada pessoa, o que leva o transtorno a ter “espectro” na nomenclatura. Existem sim critérios que se assemelham entre diversos indivíduos, mas cada ser humano autista é diferente. A Ju, por exemplo, demonstra ter dificuldade em seguir algumas convenções sociais, o que acarreta um déficit na sua interação social. Entretanto, se mostra uma excelente comunicadora, de maneira que se propõe como sujeito de suas enunciações de forma clara, objetiva, confiante, empática e adaptável. Notamos, sim, assistindo ao programa que a designer consegue fazer isto quando tem o seu *tu* em alguém que já possui algum vínculo socioemocional mais forte ou quando projeta um *tu*, ou seja, quando fala para interlocutores que não interagem tão diretamente com ela.

A abordagem teórica que trazemos aqui revela o autismo como uma forma única de interação com a linguagem, um ambiente onde o sujeito autista se manifesta. Assim, sugerimos que, ao se apropriar da língua e identificar-se como *eu* no discurso, o indivíduo com TEA se torna sujeito. Dessa maneira, uma problemática emerge dessa concepção: a visão tradicional da linguagem como mera comunicação, que, nas primeiras teorias sobre o autismo, destacava a dificuldade no uso de códigos linguísticos ou não linguísticos. Esta visão ainda é trazida no DSM-V (*American Psychiatric Association*, 2014), mas não é nossa intenção discutir os porquês da sua construção no manual.

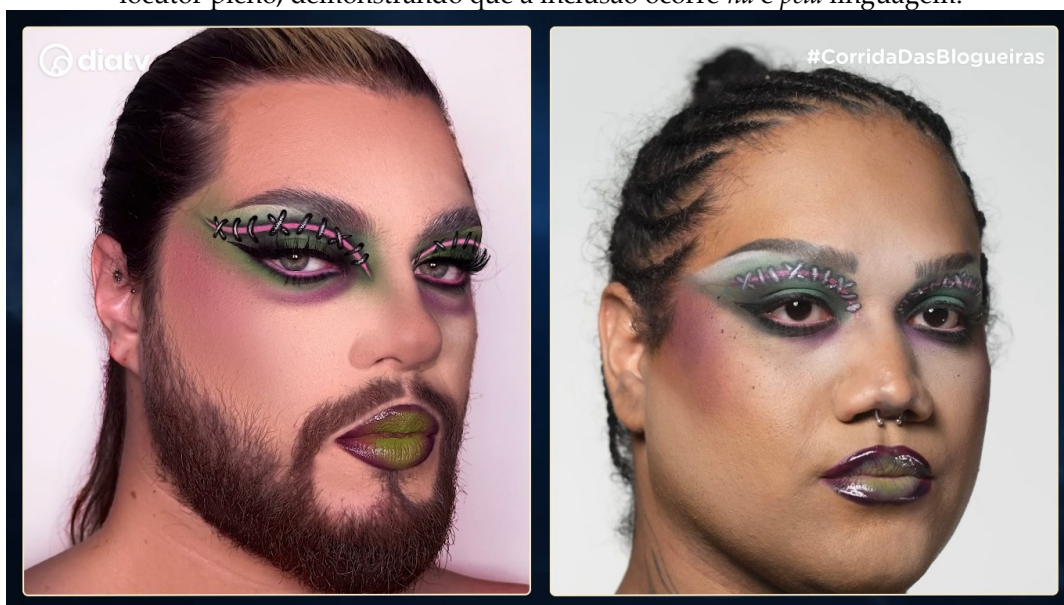
Nessa perspectiva, a ausência de comunicação seria vista como ausência de linguagem. Contudo, ao entender a linguagem como um marcador da existência do sujeito, essa visão se expande. Negar a linguagem no autismo é negar a subjetividade do autista, um ato que contraria a própria natureza da constituição do sujeito, revelando a complexidade e importância da linguagem no espectro.

Ao contrário do início da cena, a partir do minuto 1:10, do mesmo vídeo da série *Atypical* (2021), Sam inicia uma conversa em particular com sua professora. Naquele momento, podemos ver a pessoa com TEA se propondo como sujeito de sua enunciação.

Ainda que o personagem não cumpra com as ditas “convenções sociais”, em alguns períodos, há a alternância enunciativa, onde sua interlocutora o viu como sujeito, e, enfim, houve um espaço dialógico. Ao mesmo tempo, no episódio número oito do CDB, intitulado Paredão da Blogueiras, Ju, conjuntamente da participante Dacota Monteiro, faz o mesmo que Sam, mas em um contexto diferente.

A ocasião trouxe uma prova homônima ao episódio, em que, separados por uma parede, um integrante da dupla iria fazer uma maquiagem ditada pelo outro participante, com somente o que dita vendo a maquiagem. Ju ficou encarregada de explicar a maquiagem para que Dacota conseguisse produzi-la. O resultado pode ser conferido na Figura 2.

Figura 2 – O frame registra o resultado final da prova, o qual registra o ato de apropriação da língua por Ju Barbosa, onde o sujeito autista, ao enunciar, rompe com o silenciamento e se institui como locutor pleno, demonstrando que a inclusão ocorre *na* e *pela* linguagem.



Fonte: Diva Depressão (2025)

A dupla foi a vencedora da prova. E, com isso, é possível ver Ju indo contra ao que uma parte do público e dos participantes esperavam: conseguir se constituir como sujeito de sua própria enunciação e, por conta disso, realizar uma reversibilidade enunciativa que resultou em um diálogo.

Ao interagir com uma pessoa autista, a abordagem exige uma escuta atenta e uma visão profunda, permitindo compreender, de fato, os enunciados e reconhecer que há, com toda certeza, um sujeito presente neles, mesmo quando forem feitos de forma não verbal. Esse olhar cuidadoso para a linguagem visa criar um espaço significativo para o autista, o que foi possível ver somente no segundo momento da cena de *Atypical* (2021). Assim, a linguagem é vista não só como um meio de comunicação ou interação, mas como um elemento essencial na formação do *eu* sujeito. Caso contrário, estaríamos desumanizando pessoas dentro do espectro, uma vez que somente os seres humanos possuem linguagem e se tornam sujeitos em um processo de diálogo.

A dupla de Ju na prova do paredão das blogueiras, Dacota Monteiro, faz justamente isso. Ela “entra no mundo” da criadora de conteúdo, pois, apesar da designer de moda ser mais introspectiva e sua dupla ser extremamente falante, as duas encontraram um lugar em comum para fazer um uso da linguagem em que ambas são partícipes da enunciação, ambas são *eu* e *tu*, ambas respeitaram os limites e exaltaram as habilidades enunciativas da outra, ambas se enxergaram como seres portadores da faculdade da linguagem.

Além disso, os trechos da série em questão, apresentados anteriormente, indicam que Sam, o sujeito dentro do espectro, possui domínio linguístico. Isto é, apesar de haver algumas pausas para formulação de sua fala, há enunciados não só interpretáveis, como também elaborados. Sua interlocutora - a professora - tinha a possibilidade de interpretar e compreender o que o rapaz estava enunciando, fazendo com que Sam pudesse se propor como locutor.

A principal dificuldade na linguagem de indivíduos autistas não reside, necessariamente, em comprometimentos fonológicos e/ou morfossintáticos, mas na ausência, por parte do interlocutor, de um olhar sensível e fora de algumas convenções sociais que valorizem as possibilidades de articulação da linguagem na relação *eu - tu*. Essa lacuna reforça uma visão limitada e, muitas vezes, deficitária da comunicação

autista, ignorando os elementos extralinguísticos — como gestos, expressões faciais e contexto — que são indispensáveis para o entendimento e, conseqüentemente, o diálogo.

Benveniste (2023) destaca que a significação no discurso não é fixa, mas emerge do uso das palavras no contexto, fruto do, anteriormente citado, “acordo velado” entre os interlocutores. Essa dinâmica é essencial na interação com sujeitos autistas, pois o sentido é construído continuamente a partir da interpretação mútua. Assim, reconhecer a enunciação de um sujeito autista depende de perceber como ele se apropria e atualiza a língua no ato de comunicar-se, ainda que os pronomes “eu” - “tu” não estejam explicitamente presentes e, algumas vezes, a fala não se faça presente.

Segundo Barros (2011), por diversas vezes associamos a ideia de significação ao controle, a qual é impulsionada pela busca de um sentido único e definitivo para as palavras ou expressões. No entanto, esse olhar reduzido ignora a natureza dinâmica e multifacetada da linguagem. Em um diálogo, os sentidos não se limitam ao que é explicitamente dito; há sempre camadas ocultas que escapam aos interlocutores, permanecendo fora do alcance do discurso. Essa característica, presente em toda interação comunicativa, também se manifesta no contexto do autismo. Assim, compreender a linguagem autista implica aceitar que nem todos os significados se revelam diretamente e que o processo de interpretação demanda abertura para essas zonas de indeterminação que enriquecem o diálogo.

Relembramos que, na perspectiva teórica que aqui estudamos, os pronomes (“eu”/“tu”) não remetem a uma realidade objetiva no tempo ou no espaço, mas à subjetividade expressa na enunciação. Nesse sentido, o locutor se manifesta no discurso vezes como referência de si mesmo (*eu*), vezes como direcionamento ao outro (*tu*). Isso revela que o encontro com a subjetividade na linguagem não exige, necessariamente, a presença material desses pronomes, mas sim a capacidade de perceber como o sujeito se faz presente no processo discursivo. Essa abordagem, portanto, exige do interlocutor uma escuta/ observação ativa e uma interpretação que

vá muito além do literal, reconhecendo as múltiplas camadas que constituem a comunicação humana, especialmente no contexto do TEA. Vale dizer, por fim, que para que pessoas com TEA sintam-se pertencentes aos lugares que permeiam é necessário um olhar para as limitações, mas principalmente, para os potenciais enunciativos. Saber reconhecer isso, possibilita uma inclusão efetiva e, posteriormente, o sentimento de pertencimento, necessário a qualquer ser humano.

6 Considerações finais

O nosso artigo teve como foco investigar a inter-relação entre a teoria da enunciação de Émile Benveniste e as particularidades linguísticas apresentadas por indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Com base nisso, foram revisitados conceitos centrais da teoria benvenistiana, as questões diagnósticas, mas, principalmente, linguísticas de pessoas com TEA e o potencial da linguística da enunciação como possibilidade de inclusão e pertencimento.

As reflexões feitas durante a pesquisa corroboram a hipótese de que a intersubjetividade desempenha um papel importante na promoção da inclusão linguística de indivíduos com TEA. O entendimento dos conceitos de Benveniste, como subjetividade e enunciação, revelou que, embora possam existir déficits na comunicação social e interação desses indivíduos, a linguagem é um caminho para estimular o diálogo e criar conexões significativas, o que, conseqüentemente, leva à inclusão e a geração do sentimento de pertencimento.

O trajeto metodológico que fizemos demonstrou que, mesmo com limitações linguísticas, pessoas com TEA podem se constituir como sujeitos de seus próprios dizeres quando são criadas condições adequadas de suporte. Estudos de casos reais, como o da criadora de conteúdo Ju Barbosa, e dados ficcionais, como na série *Atypical*, ilustram situações em que a linguagem foi utilizada para romper barreiras sociais e possibilitar maior pertencimento. Essas reflexões foram fundamentais para compreender como a (inter)subjetividade da linguagem pode abrir possibilidades para

a inclusão. As evidências indicam que, ao serem colocados em ambientes com condições adequadas, os indivíduos com TEA podem tornar-se participantes ativos de interações dialógicas em situações diversas.

O presente artigo buscou contribuir tanto para o campo acadêmico quanto para o debate social acerca da inclusão linguística de pessoas com TEA. No âmbito acadêmico, procurou os horizontes dos estudos de Benveniste ao deslocar sua teoria para o contexto da inclusão de indivíduos com TEA, utilizando um caso real para refletir e um ficcional para ilustrar. Este deslocamento metodológico pretendeu demonstrar como os conceitos de subjetividade e intersubjetividade podem ser mobilizados para compreender e potencializar interações em contextos de diversidade.

Por fim, o percurso analítico desenvolvido neste artigo permitiu sustentar que as contribuições da teoria da enunciação de Émile Benveniste são particularmente fecundas para a compreensão da linguagem no Transtorno do Espectro Autista, ao evidenciar que as dificuldades comunicativas associadas ao espectro não se explicam apenas por limitações individuais, mas pelas condições intersubjetivas que regulam o funcionamento do discurso. Ao deslocar o olhar de uma perspectiva deficitária para uma abordagem relacional da linguagem, o estudo reforça a importância de reconhecer as formas singulares de inscrição do sujeito autista na linguagem, contribuindo para reflexões mais amplas sobre inclusão linguística.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: https://www.alex.pro.br/DSM_V.pdf. Acesso em: 01 maio 2023.

ATYPICAL [*Sam Gets An F*]. Direção de Victor Nelli Jr.. Roteiro: D.J. Ryan. Culver City: Sony Pictures Television, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fM0ZM-EWL7E>. Acesso em: 17 jul. 2024.

BARROS, I. B. do R. Autismo e linguagem: discussões à luz da teoria da enunciação. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 227-232, ago. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/8284/6161>. Acesso em: 1 set. 2024.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2020.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. 3 ed. Campinas: Pontes, 2023.

CLINICAL PSYCHOLOGY OF SOCIAL INTERACTION LAB. **Terminology Guideline for Autism Researchers**. 2022. Disponível em: <https://dziobek-lab.org/wp-content/uploads/2022/03/Terminology-Guideline-for-Autism-Research.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2026.

CONTENT, R. **Espectro autista**: entenda por que é um espectro e como é o transtorno. 2022. Disponível em: <https://vidasaudavel.einstein.br/espectro-autista/>. Acesso em: 18 maio 2023.

DEPRESSÃO. EP3 **Corrida das Blogueiras 6**: 15 minutos de fama com Grag Queen | DiaTV. 26 nov. 2024a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OvUmjKPbME>. Acesso em: 09 jan. 2025.

DIVA DEPRESSÃO. EP8 **Corrida das Blogueiras 6**: Paredão das Blogueiras - Terror de Bonita com Kenya Borges | DiaTV. 31 dez. 2024b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mamNE584p3c&t=3002s>. Acesso em: 09 jan. 2025.

ESPAÇO HUMARE. Todo atraso de fala é autismo? Saiba analisar os sinais e entender as diferenças. **Gazeta do Povo**. 13 mar. 2023. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/conteudo-publicitario/humanare/todo-atraso-de-fala-e-autismo/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

FLORES, V. do N. **Dicionário de linguística e enunciação**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FLORES, V. do N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

KNACK, C. De Benveniste às pesquisas prospectivas: a noção de deslocamento e seu valor teórico-metodológico. In: OLIVEIRA, G. F.; ARESI, F. (org.). **O universo benvenestiano**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 142-163. DOI <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2020.281.141-163>

MARINHO, L.; TOLDO, C. O estudante com transtorno do espectro autista (TEA) como sujeito do seu próprio dizer. **Acta Scientiarum**. Language and Culture, v. 45, n. 1, p. e66729, 1 jun. 2023. DOI <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v45i1.66729>

MONTEIRO, D. A gente ganhou o desafio nessa foto já @jugbarbosa. 2025. **Twitter**: @ADaCotaMonteiro. Disponível em: <https://x.com/ADaCotaMonteiro/status/1876287551063081251/photo/1>. Acesso em: 09 jan. 2025.

O BOTICÁRIO. **O que é body splash e como usar na rotina**. Disponível em: <https://www.boticario.com.br/dicas-de-beleza/o-que-e-e-como-usar-body-splash-na-rotina/>. Acesso em: 30 jan. 2025.

REDAÇÃO O ANTAGONISTA. Série 'Atypical' traz retrato real sobre o autismo. **O Antagonista**. 12 dez. 2024. Disponível em: https://oantagonista.com.br/entretenimento/serie-atypical-traz-retrato-real-sobre-o-autismo-confira/#google_vignette. Acesso em: 16 nov. 2024.

RESENDE, M. S. de; PONTES, S.; CALAZANS, R. O DSM-5 e suas implicações no processo de medicalização da existência. **Psicol. rev.**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 534-546, set. 2015. DOI <https://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2015V21N3P534>

SEO. O que é Review? Descubra Significado e Importância em Ecommerce. **Loja integrada**. [2025]. Disponível em: <https://lojaintegrada.com.br/hub/o-que-e-review/>. Acesso em: 16 jan. 2025.

SOUZA, A. P. R. de. A linguagem em uma perspectiva enunciativa: análise de um caso do espectro autista. In: SCHIMIDT, C. **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 2013. p. 105-124.

TAGER-FLUSBERG, H.; CARONNA, E. Language Disorders: autism and other pervasive developmental disorders. **Pediatric Clinics Of North America**, [S.L.], v. 54, n. 3, p. 469-481, jun. 2007. DOI <https://doi.org/10.1016/j.pcl.2007.02.011>

TORMEN, H. Paredão das blogueiras! Qual a fav de vcs? 06 jan. 2025. **Instagram**: @huyilson. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DEfvEnDSZBi/?img_index=1. Acesso em: 09 jan. 2025.

WIKI, Corrida das Blogueiras. Ju Barbosa. [2025]. Disponível em: https://corridadasblogueiras.fandom.com/pt-br/wiki/Ju_Barbosa. Acesso em: 09 jan. 2025.